



DE BOAL A DUBATTI, UMA BREVE PASSAGEM SOBRE A TEATRALIDADE CIDADÃ EM CATALINAS SUR

FROM BOAL TO DUBATTI, A BRIEF PASSAGE ON CITIZEN THEATRICALITY IN CATALINAS SUR

Alai Garcia Diniz (UNIOESTE)¹
Marcelo Rodrigues (UNIOESTE)²

Resumo:

Desde o final da década de 1970, quando países da América Latina, entre eles, Argentina e Brasil, vivenciavam a experiência autoritarista dos governos militares, mais conhecidos como ditaduras militares, o teatro comunitário argentino, o tradicionalmente conhecido como o *teatro de vecinos*, surge como uma necessidade de resistência política, composta por membros de uma comunidade. Ou seja, coletivos compostos por pessoas de um mesmo bairro, que, por meio da arte, mais especificamente, do teatro, encontraram uma forma de manifestar e reivindicar suas necessidades comuns e urgentes. Movido principalmente pela necessidade de transformações sociais e consolidando-se, além de um grupo artístico, o coletivo teatral, Catalinas Sur, está atuando há mais de 35 anos na cena portenha. A cada dia, o grupo amplia sua influência alomórfica e tem se consolidado como uma das vertentes da arte de intervenção urbana mais conhecidas em todo o mundo. Evidenciando a pluralidade da atuação transformadora do grupo, este trabalho reuniu os preceitos do dramaturgo brasileiro Augusto Boal (1998, 2012, 2017) sobre o Teatro do Oprimido e o Teatro Fórum e as contribuições do teórico argentino Jorge Dubatti (2008, 2012) sobre a vivência do teatro como acontecimento, para apresentar as atividades que o coletivo Catalinas Sur promove, por meio da dramaturgia, pela cidadania, entre os membros da comunidade do bairro homônimo, em Buenos Aires - Argentina.

Palavras-chave: Teatro. Teatro comunitário. Catalinas Sur. Augusto Boal. Jorge Dubatti.

Abstract:

Since the end of the 1970s, when Latin American countries, including Argentina and Brazil, were experiencing the authoritarian experience of military governments, better known as military dictatorships, Argentine community theater, traditionally known as the theater of *vecinos*, has

¹ Doutora visitante do Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: agadin@gmail.com

² Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: rrodrigues514@yahoo.com.br

emerged as a need for political resistance, made up of members of a community. In other words, collectives made up of people from the same neighborhood, who, through art, more specifically, theater, found a way to manifest and claim their common and urgent needs. Driven mainly by the need for social transformations and consolidating itself, in addition to being an artistic group, the theatrical collective, Catalinas Sur, has been operating on the Buenos Aires scene for over 35 years. Every day, the group expands its allomorphic influence and has consolidated itself as one of the best-known aspects of urban intervention art around the world. Highlighting the plurality of the group's transformative action, this work brought together the precepts of the Brazilian playwright Augusto Boal (1998, 2012, 2017) on the Theater of the Oppressed and the Forum Theater and the contributions of the Argentine theorist Jorge Dubatti (2008, 2012) on the experience of theater as an event, to present the activities that the Catalinas Sur collective promotes, through dramaturgy, for citizenship, among members of the community of the homonymous neighborhood, in Buenos Aires - Argentina.

Keywords: Theatre. Community theater. Catalinas Sur. Augusto Boal. Jorge Dubatti.

“A grande pergunta que se deve fazer é o que eu posso conhecer de um convívio. O convívio é um objeto de estudo evanescente, absolutamente imprevisível. Muitas vezes é difícil predicar algo sobre esse objeto. Então aparece uma pergunta epistemológica interessante: quais são os limites de conhecimento do convívio enquanto objeto?”

(DUBATTI apud ROMAGNOLLI; MUNIZ, 2014)

Introdução

O teatro comunitário, é uma forma de arte que envolve a participação ativa da comunidade local, em todas as etapas do processo de criação e apresentação de uma peça teatral. Esta forma de fazer teatro, se destaca como uma vertente de expressão cultural, que busca promover a inclusão social, a participação cidadã e a valorização das vozes e experiências das pessoas que compõem o coletivo de uma determinada comunidade.

Para esse contexto, de arte de vanguarda comunitária, Augusto Boal (1931-2009), reconhecido dramaturgo e teórico teatral brasileiro, foi um dos principais nomes, a contribuir para o desenvolvimento do teatro realizado em contexto periférico. Em sua obra, "O Teatro do Oprimido" (2012), por exemplo, o autor apresenta uma metodologia teatral, baseada na participação e no diálogo entre atores e espectadores, que juntos, em colaboração mútua, buscavam a conscientização de classe e a transformação do contexto social que os envolvia. Boal

acreditava no teatro como uma ferramenta de empoderamento e luta contra as opressões exercidas pelo sistema capitalista e gerenciadas pelas classes sociais dominantes.

Nesse mesmo sentido, o da teorização das práticas da arte comunitária, o pesquisador e crítico teatral argentino, Jorge Dubatti, vem contribuído de forma significativa para a evolução dos estudos relacionados ao teatro comunitário. Dubatti (2008) defende a premissa de que o teatro comunitário, é uma prática que permite a construção de uma cidadania ativa e responsável, colocando o coletivo no centro das discussões e processos teatrais. Para o pesquisador, o teatro comunitário, é um espaço de encontro e transformação, onde diferentes realidades sociais podem ser expressas e debatidas.

Com suas singularidades e potencialidades teóricas, essas duas personalidades do teatro, têm influenciado e inspirado muitos artistas, comunidades e outros pesquisadores, ao redor do mundo, a se engajarem aos estudos e práticas do teatro comunitário. Ambos os autores, tem suas teorias e práticas propagadas nos estudos teatrais, como importantes referências para a construção de um diálogo epistemológico e crítico, no que tange essa arte democráticas das periferias.

Assim sendo, o teatro comunitário sul-americano é constantemente enriquecido por teóricos atuantes na cena dramática, como Augusto Boal, Jorge Dubatti e tantos outros que voltam seus olhares às comunidades. Centrando-se nestes dois autores que, como será apresentado mais adiantes, trouxeram valiosas contribuições para o entendimento dessa forma de expressão artística, que busca engajar e empoderar a voz uníssona das comunidades, por meio da participação ativa dos indivíduos que as compõem. Neste texto, de breve revisão bibliográfica e que compõe os estudos iniciais acerca da temática, evidenciar-se-á, a importância da contribuição dos mencionados teóricos, como ferramenta propulsora na compreensão do diálogo estabelecido entre cidadania e teatro.

Métodos

O Teatro Comunitário argentino e a criação do Coletivo Catalinas Sur

O teatro comunitário argentino, é uma forma de expressão artística, que tem suas raízes profundamente atreladas à cultura popular e às comunidades do país. Através da arte dramática,

os grupos comunitários argentinos, também conhecidos como coletivos de *teatro de vecinos* (teatro de vizinhos), são capazes de abordar questões sociais, políticas e culturais, relevantes para suas comunidades, permitindo que os membros desses entornos sociais, encontrem suas próprias vozes e se tornem principais agentes de mudança em suas realidades.

A história do surgimento do teatro comunitário argentino, remonta às décadas de 1960 e 1970, um período marcado pela ditadura militar que governou o país e pela repressão social e política, praticada pelos membros integrantes desse regime. Durante essa época, mais especificamente nos anos finais da ditadura, quando essa vinha perdendo sua força atuante, que o teatro comunitário emergiu, como uma forma de resistência e de luta contra esse sistema, permitindo que as comunidades se reunissem em espaços públicos, para expressar suas opiniões, experiências e demandas.

Foi nesse contexto de repressão, que o grupo Catalinas Sur surgiu. Fundado por Adhemar Bianchi, em 1983, o grupo catalisou a formação do teatro comunitário argentino, através de sua abordagem auspiciosa e particular. Em geral, grupo acreditava que o teatro deveria ser acessível a todos, independentemente de sua formação ou nível de habilidade artística. Acreditavam, ainda, que o teatro poderia unir as pessoas e fortalecer as comunidades, dando voz aos marginalizados e excluídos da sociedade (SANTORO, 2016).

Nessa premissa envolvente, ao longo dos anos posteriores, os idealizadores do grupo trabalharam em estreita colaboração com as comunidades locais, desenvolvendo projetos teatrais que abordavam questões sociais importantes e urgentes para essas comunidades. O grupo realizava oficinas e treinamentos, para membros da comunidade, capacitando-os para criar e apresentar seus próprios trabalhos teatrais. Essa abordagem participativa, permitia que as pessoas encontrassem suas potencialidades artísticas e compartilhassem suas histórias de uma maneira poderosa e catártica.

Dentro desses projetos e posturas inovadoras, uma das abordagens mais significativas, praticadas pelos Catalinas Sur, foi a inserção orgânica da prática do Teatro do Oprimido (BOAL, 2012). Desenvolvido pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, o Teatro do Oprimido é uma forma de teatro participativo, que visa a libertação cultural e a conscientização social dos oprimidos. Inspirados pelas contribuições de Augusto Boal, os Catalinas Sur implementaram essa abordagem em seus projetos dramáticos, permitindo que as pessoas experimentassem e

resolvessem problemas sociais por meio do teatro, sempre através de uma cena ou situação, em que o público pudesse protagonizar os diálogos possíveis para a resolução de um conflito cênico.

Ainda sobre o autor e suas contribuições, Augusto Boal (1931-2009), além de renomado diretor de teatro, dramaturgo, foi um ativista político, que desenvolveu, entre outras vertentes teatrais, o Teatro do Oprimido e Teatro Fórum, entre as décadas de 1940 e 1970. Sua criação foi influenciada e desenvolvida, em grande parte, pelas experiências vividas durante a Ditadura Militar no Brasil e seu exílio ao redor do mundo, também propiciado pelo Regime Militar. Dada sua experiência e vivência nesse período, Augusto Boal entendia, que o teatro poderia ser uma poderosa ferramenta, tanto para motivar as pessoas a enfrentarem e superarem a opressão, como uma forma de resistência, propriamente dita, a esse regime opressor.

De maneira sintética e clara, o Teatro do Oprimido (BOAL, 2012) tem como objetivo principal, promover a conscientização social e política por meio do teatro àqueles que sempre tiveram seus direitos cerceados, por uma minoria abastarda e controladora. Essa abordagem busca ampliar o espaço e o diálogo democrático, para a livre expressão das minorias e oprimidos, permitindo que eles possam exercer plenamente sua cidadania, para resistirem e lutarem, contra esse processo histórico de colonização e submissão das classes pobres.

Sendo assim, com um papel social bem desenhado e definido, o Teatro do Oprimido (BOAL, 1982) faz uso de uma série de técnicas e exercícios teatrais, que visam incentivar a participação ativa do público, transformando-os em espect-atores (BOAL, 1998). Essa abordagem rompe com a tradicional relação de passividade entre palco e plateia, promovendo diálogos e interações entre os participantes. A técnica permite, ainda, que ao estimular o protagonismo dos espectadores, esses possam pensar, roteirizar, encenar e dirigir, sua experiência no palco, tornando-se, também, responsáveis pelo desmembramento de cada escolha feita em cena.

Dentro da abordagem teatral proposta por Augusto Boal, uma das técnicas mais conhecidas do Teatro do Oprimido (BOAL, 2012) é o Teatro Fórum (BOAL, 2017). Essa técnica se desenvolve, quando uma cena é apresentada pelo grupo de atores, na qual uma situação de opressão das minorias sociais é retratada. No desenvolver da cena, o público é convidado à intervir e propor soluções para a resolução do conflito levantado. Essa técnica permite que os espect-atores experimentem diferentes estratégias de abordagem da situação, de resistência à

opressão e de solução dos problemas propostos, em um ambiente seguro e controlado pelos atores, para que questões éticas e humanitárias sejam sempre respeitadas, mas que permitam o diálogo para encontrar um denominador comum para a demanda popular.

Além da perspectiva social, o Teatro do Oprimido (BOAL, 1982), também busca desafiar as hierarquias tradicionais das estruturas formais teatro, que possam estar e se manifestarem, além da separação entre atores e espectadores, passando, por exemplo, por elementos cênicos utilizados e se estendendo até o tipo de lugar de apresentação e o formato da apresentação de um espetáculo. Sobre isso, em suas produções, Augusto Boal enfatizava a igualdade de todos os participantes, incentivando a co-criação e a tomada de decisões coletivas. Dessa forma, o teatro se torna uma ferramenta cultural democrática e eficaz, para promover a conscientização política, o reconhecimento identitário e de pertencimento, ampliando, consequentemente, a ação cidadã entre os pares de uma mesma comunidade.

Nesse sentido, o grupo teatral argentino, Catalinas Sur, foi e continua sendo, desde a década de 1980, um dos principais exemplos de aplicação e desenvolvimento das técnicas do Teatro do Oprimido (BOAL, 1982). Desde seu início, como um grupo teatral com caráter de resistência, o coletivo vem fazendo uso das técnicas e abordagens desenvolvidas por Augusto Boal, para engajar a comunidade periférica no protagonismo local e promover a transformação social do seu entorno, por meio de diálogos possíveis, entre vizinhos e administração públicas, a partir das demandas apontadas na colaboração artística e coletiva da comunidade.

Ao longo dos anos, somando mais de quarenta anos de atuação e com um número de envolvidos que já ultrapassa quinhentos vizinhos, o Catalinas Sur, desenvolveu uma série de espetáculos e projetos, que evidenciaram as demandas locais, abordando questões como pobreza, exclusão social e violência de gênero. Essas intervenções teatrais, têm como principal objetivo, despertar a consciência do público para as questões mais urgentes, vivenciadas em comunidade e motivá-los a agir, sempre a partir de uma peça baseada na história, experiência e\ou vivência de um de seus colaboradores.

Derivado do protagonismo do Catalinas Sur, o teatro comunitário argentino cresceu e se desenvolveu, inspirando a formação de muitos outros grupos e projetos teatrais em todo o país. Esses grupos, incorporam de maneira orgânica, ou seja, muito natural e fluida, a filosofia de Augusto Boal e do Teatro Comunitário, colocando as comunidades no centro de suas práticas e

criando espaços inclusivos para que todos possam participar e contribuir, por uma teatralidade cidadã, que continua sendo, uma potente ferramenta de resistência e de diálogo democrático.

Como destacado anteriormente, uma das características fundamentais e mais relevantes do teatro comunitário argentino, é sua natureza colaborativa. Os grupos trabalham em estreita comunhão com, e entre seus participantes, desenvolvendo performances multiartistas, que somam música, dança, cartazes e outras formas de fazer arte, às cenas, que abordam questões específicas de suas comunidades, permitindo que todas as vozes sejam ouvidas e que todos tenham a oportunidade de contribuir para o trabalho final, sentindo-se, verdadeiramente representado em sua comunidade.

Como evidenciado, o teatro comunitário argentino é altamente participativo, envolvendo não apenas os vizinhos, que são atores amadores, mas também os espectadores, que são convidados a vivenciar a experiência cênica, como espct-atores (BOAL, 1998) por meio da atuação improvisada e na solução dos conflitos propostos em cena. Assim, como pensado no Teatro do Oprimido (BOAL, 1982), os espectadores são provocados a interagir e a fazer parte do diálogo, tornando-se co-criadores de uma experiencia que não se limita à performance ou ao cênico, mas demanda um protagonismo social. Isso cria em cada colaborador, uma sensação de pertencimento e empoderamento, uma vez que as pessoas se tornam ativamente envolvidas na discussão e reflexão sobre as questões abordadas na peça.

Em suma, o teatro comunitário argentino é uma forma poderosa de expressão artística, que permite que as comunidades encontrem suas vozes, compartilhem suas experiências e se tornem agentes de mudança em suas realidades. O grupo Catalinas Sur, desempenhou e ainda desempenha, um papel fundamental na formação desse movimento, através de sua abordagem inclusiva e colaborativa, capacitando as pessoas, permitindo que elas criem e compartilhem suas histórias de uma maneira original e autêntica. Fazendo uso das contribuições de Augusto Boal, teatro comunitário argentino continua a florescer e inspirar outras comunidades em todo o país e mundo a fora, representando um meio efetivo de expressão e consciência social, para uma transformação possível, a partir da arte de da teatralidade cidadã.

O teatro como acontecimento

A teoria do teatro como acontecimento (DUBATTI, 2012), é fundamentada, entre outras importantes teorias relacionadas ao teatro contemporâneo, pelo crítico, historiador e professor da Universidade de Buenos Aires, Jorge Dubatti. A referida contribuição do autor, se aplica de maneira significativa, em uma das possíveis leituras a serem feitas, ao teatro comunitário argentino, fornecendo uma abordagem conceitual, que enriquece e expande o entendimento desse tipo de prática teatral.

O teatro comunitário argentino, como visto anteriormente, é um movimento artístico e colaborativo que visa promover a participação ativa da comunidade na criação e produção teatral, abordando questões sociais, políticas e culturais, relevantes para determinantes para a transformação de cenário cotidiano de uma comunidade. Nesse contexto, as considerações teóricas de Jorge Dubatti, oferecem uma ferramenta investigativa valiosa para observar e compreender a potencialidade e o impacto, dessa forma de fazer teatro.

Sobre o teatro como acontecimento, uma das principais contribuições da teoria de Dubatti (2012), é sua concepção do teatro como uma a vivência de uma experiência única, que ocorre no momento da sua realização e que envolve intensamente o público. Segundo o autor, o teatro acontece na relação entre a obra e o público, tornando-se um evento vivo, imprevisível e único, a cada apresentação. Ainda em sua concepção, a vivência singular entre atores e espectadores, ultrapassaria, em importância, qualquer elemento cênico utilizado na realização da peça teatral, exatamente pelo fato, da relação do convívio humano, não poder ser replicada ou reproduzida, uma vez que consiste em um evento único, executado em determinado tempo e espaço que não volta.

A concepção do autor, ainda que aqui esteja sendo observada de forma isolada, e em seus trabalhos, ela faça parte de uma coesa filosofia teatral (DUBATTI, 2016), essa ideia se alinha perfeitamente ao teatro comunitário argentino, em que a participação e a interação do público, são fundamentais, em sua singularidade, para a experiência teatral proposta. Em caráter vanguardista, criando a cada apresentação, uma vivência singular, em vários sentidos e por uma infinidade de motivos, que podem transitar, desde a pluralidade das provocações levantadas, até a quantidade de demandas sociais urgentes, que podem ser erguidas pela comunidade de vizinhos

envolvidos na produção, gerando a cada apresentação, uma vivência única e particular, que transpassa o enredo dramático.

Voltando as características primordiais do teatro comunitário argentino, uma constante que se destaca, é o fato das peças serem, frequentemente, criadas e apresentadas em espaços públicos não convencionais, como praças, parque e ruas das comunidades locais, buscando assim, uma conexão mais direta, gratuita e sem fronteiras, com a realidade da comunidade. Essa abordagem desafia as noções comerciais de espetáculo, rompendo os limites entre o palco e o público, mas também, corrobora com os preceitos de Jorge Dubatti, ampliando a possibilidade de um teatro como um acontecimento vivo e coletivo, a partir da vivência e do convívio.

Outro aspecto importante da teoria de Jorge Dubatti, é a extensão do pensamento de um teatro como um ritual social. Para o autor, o teatro é um espaço verossímil, em que a sociedade se vê refletida, um lugar onde os tabus e as contradições são expostos e debatidos. No contexto do teatro comunitário argentino, essa dinâmica se torna especialmente relevante, uma vez que, nas produções do coletivo, muitas vezes são abordadas questões sociais e políticas urgentes, como a luta por direitos humanos, a desigualdade e a exclusão social, que buscam, por meios democráticos em cena, um denominador comum de intervenção.

No tocante aos rituais sociais, ao envolver a comunidade na criação e na apresentação das peças dramáticas, o teatro comunitário argentino, proporciona um espaço para que vozes marginalizadas e silenciadas sejam ouvidas. Seguindo esse pensamento, o teatro se torna um ritual de coletivização da experiência, em que a comunidade se une, para compartilhar narrativas pessoais e coletivas, fortalecer sua identidade, questionar as estruturas sociais dominantes, propor novas formas de pensar e agir e, sobretudo, de vivenciar momentos compartilhados por uma rede artística de apoio à cidadania.

De volta a teoria do teatro como acontecimento, um elemento completo no pensamento do autor, é a centralidade do corpo na experiência teatral. Dubatti (2012), acrescenta em seus fundamentos, que o corpo é a materialização do acontecimento teatral, pois é nele que a energia criativa se manifesta e se comunica com o público. É o corpo que manifesta tudo aquilo que os elementos inanimados de cena, não conseguem expressar. No teatro comunitário argentino, é possível vislumbrar as palavras do autor, pois o corpo se torna uma ferramenta essencial na expressão das histórias e das emoções das pessoas envolvidas. Através do movimento, da dança,

do canto e de diversas formas de expressão corporal, os Catalinas Sur, por exemplo, buscam criar uma experiência sensorial e emocionalmente envolvente, onde o público é convidado a se relacionar, por meio dos jogos, usando seus corpos na atuação. Vale ainda enfatizar que, no caso dos Catalinas Sur, muitos atores podem representar o mesmo papel na peça, conferindo à manifestação da vivência corpórea, um ato único e singular a cada apresentação, tanto para os atores, quanto para os espect.-atores (BOAL, 1998).

Ainda na seara das contribuições da teoria Jorge Dubatti, destaca-se, também, a valorização da relação entre o teatro estabelece com a memória coletiva de um povo. Segundo o autor, o teatro é capaz de evocar, resgatar e criticar a memória coletiva, pois permite explorar e representar experiências e eventos históricos significativos (DUBATTI, 2008). No teatro comunitário argentino, que também se aproxima dos preceitos do autor nesse ponto, a memória coletiva, muitas vezes, se torna o ponto de partida para a criação de peças, onde histórias pessoais e memórias da vizinhança, se entrelaçam para criar uma reflexão crítica sobre o passado, o presente e o futuro da comunidade.

Essa conexão profunda entre teatro, memória coletiva e história, apontada pelo autor como característica fundamental e relevante, na experiência do teatro como acontecimento, aproxima o teatro comunitário argentino, de uma consciente atuação na reparação dos aspectos históricos de colonização. Fazendo uso do regaste e da encenação da memória coletiva, de um povo em que a ditadura militar deixou marcas profundas, o teatro comunitário se torna uma ferramenta poderosa para a reparação histórica, trazendo à tona, narrativas por décadas silenciadas e promovendo o diálogo coletivo sobre, as atrocidades cometidas pelo Regime Militar, quanto por outras figuras de autoridade que o antecedem.

Em suma, a teoria do teatro como acontecimento de Jorge Dubatti (2012), se aplica de forma inerente ao teatro comunitário argentino, entrelaçando-se aos preceitos de Augusto Boal. A concepção do teatro como um evento vivo e imprevisível, a valorização do corpo como veículo de expressão artística, a relação entre teatro e memória coletiva e a concepção do teatro como um ritual social, são elementos imprescindíveis, que permeiam e enriquecem a produção do teatro comunitário argentino. Cada peça produzida e apresentada, é um verdadeiro acontecimento, uma experiência coletiva extraordinária, que busca transformar a realidade e promover o engajamento

e fortalecimento da comunidade, garantindo, assim, maior representatividade no processo de transformação social.

Teatralidade Cidadã

O teatro comunitário é essencialmente político (FERNÁNDEZ, 2011), desde seu surgimento. Para tanto, atua desencadeando reflexões e proporcionando experiências coletivas singulares, fomentando através da arte, mais especificamente, pelo teatro, as transformações sociais. Aproximando as contribuições de Jorge Dubatti, sobre o teatro como acontecimento e a teoria de Augusto Boal, sobre o Teatro do Oprimido e sobre o Teatro Fórum, é possível estabelecer um pensamento fundamentalista, para compreender a ação cidadã, que é desencadeada pelos coletivos independentes de teatro, que transitam nessa seara.

O Professor Jorge Dubatti (2008, 2012), propõe uma nova abordagem para pensar o teatro. O autor defende que o teatro é um acontecimento, uma experiência única e efêmera, que ocorre entre os artistas e o público. Nesse sentido, o teatro vai além de uma simples representação cênica, ele se torna uma ferramenta viva, de expressão física e ideológica, símbolo de resistência e resiliência. Nessa perspectiva do autor, o teatro comunitário se associa como uma atividade cidadã, onde as pessoas se unem, para criar e apresentar uma vivência dramaturgia singular.

Como mencionado anteriormente, Boal (2012) contribui para essa proposta cidadã com o conceito de Teatro do Oprimido, que compõe a base da teatralidade comunitária, preconizando a participação ativa dos espectadores, incentivando-os, durante a vivência do teatro, a se tornarem protagonistas e transformadores de suas realidades. Para tal, uma das técnicas propostas por Augusto Boal para desenvolver o Teatro do Oprimido e que é amplamente utilizada nessa ação da teatralidade cidadã, é o Teatro Fórum. Nesse tipo de dramatização, uma cena de opressão é apresentada e em seguida o público é convidado a intervir, propondo alternativas para as problemáticas levantadas e atuando para resolver o conflito. Essa interação entre atores e espectadores, contribui para a conscientização e mobilização da comunidade, posta como plateia, que passa a racionalizar e refletir coletivamente, sobre os problemas enfrentados e sobre as possíveis atitudes que cada um pode ter para resolvê-los.

Ao fazer-se a associação das colaborações de Jorge Dubatti e Augusto Boal, aqui contempladas, se faz possível o vislumbre de como o teatro reverbera na comunidade, a partir dos trabalhos dos coletivos locais. Essas ações, estendem-se desde o envolvimento dos membros da comunidade, que atuam como atores amadores, e tomam o papel do protagonismo transformador, lapidado através de oficinas, debates e ensaios, resultando em uma comunidade de vizinhos, que passam a expressar suas opiniões, necessidades, vivências e experiências, por meio da arte, dando voz aos seus anseios e reivindicações.

Além disso, a ação cidadã, para o teatro comunitário, pode democratizar também os espaços, levando sua atuação para as ruas, praças, espaços públicos de grande circulação e até mesmo ocupações. Dessa forma, o teatro se aproxima da comunidade, também pela transformação do espaço físico, promovendo o fortalecimento das estruturas coletivas de manifestações dos movimentos populares.

Ainda é importante destacar que, nesse processo, o teatro não se limita apenas à performance em si, mas também às vivências e experiências proporcionadas durante o processo de criação, produção e ensaio. Esse último, por sua vez, se torna momento de reflexão e aprendizado, uma verdadeira oficina de atuação cidadã, onde são discutidos temas relevantes e estabelecidos laços de empatia, cooperação e solidariedade entre os participantes, fortalecendo, também, os pilares do convívio social.

Em suma, a união das teorias de Augusto Boal e Jorge Dubatti, permite uma leitura contundente, mas não limitante, da prática cênica em comunidade. Tais práticas, podem evidenciar a vivência teatral, como convívio, em um contexto coletivo, que exalta as contribuições e as ações em prol da cidadania e do exercício da democracia das pessoas que se entendem enquanto comunidade. Ainda, como visto ao longo do texto, essas ações envolvem a ampla e infindável possibilidade de participação e alocação dos vizinhos nessa vivência artística, seja por meio dos jogos cênicos, ou mesmo, através das técnicas teatrais aplicadas, para indagar e discutir, questões locais, muitas vezes urgentes.

Resultados

Concisamente, o teatro comunitário argentino é uma forma poderosa de expressão artística, consolidada e em plena prática na Argentina e no mundo a fora, que permite que as comunidades encontrem suas vozes, compartilhem suas experiências e se tornem agentes de mudança em suas realidades e demandas locais. Nesse contexto, O grupo Catalinas Sur, desempenhou um papel fundamental na formação desse movimento, através de sua abordagem pioneira, inclusiva e colaborativa. Ainda, ao trabalhar em estreita cooperação com a comunidade, o coletivo evidencia o protagonismo de moradores vizinho, permitindo que eles criem e compartilhem suas histórias de uma maneira amadora e afetiva.

Com essa receita, o teatro comunitário argentino, continua a florescer e inspirar outras comunidades em todo o país e ao redor do mundo, a representarem um meio efetivo de expressão e consciência social. Essas intervenções artísticas do Catalinas Sur, demonstram o poder e a eficácia do Teatro do Oprimido, no diálogo para a promoção da igualdade, justiça social e empoderamento da periferia. Por sua vez, o Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, representa uma abordagem revolucionária para esse teatro, que busca promover a conscientização e a resistência social e política, por meio da participação ativa do público e de sua vivência comunitária na arte e na democracia.

Assim sendo, é possível evidenciar neste trabalho, que o coletivo argentino aqui mencionado, pode ser tomado como exemplo da aplicação bem-sucedida do Teatro do Oprimido (BOAL, 1982), utilizando-o como uma ferramenta para engajar a comunidade e promover a equiparidade social, por meio da rememoração histórica. Assim como o teatro comunitário, as contribuições de Augusto Boal se mantêm relevante na atualidade, estimulando o pensamento e a pesquisa, em prol de arte que expresse o anseio por uma sociedade mais justa e igualitária.

Ainda, ao longo deste trabalho, foi possível observar as diversas dimensões que alcança a teatralidade cidadã e sua importância para a construção de uma sociedade mais consciente de seu lugar no espaço urbano, mais participativa e envolvida na atuação democrática. Se faz evidente, que através do teatro do Catalinas Sur, os vizinhos têm a oportunidade e a autonomia de se expressarem, questionarem e refletirem sobre questões sociais, políticas e culturais, e seus papéis nessas demandas.

Outra reflexão possível e importante, a partir da conclusão deste trabalho, é pensar na valorização do teatro como uma forma pedagógica de transformação possível e acessível. O teatro possui um potencial gigantesco de despertar consciências, promover a empatia e estimular a busca por alternativas para os problemas persistentes na sociedade, isso sem mencionar o bem-estar físico e psíquico que as atividades e jogos coletivos podem proporcionar no desenvolvimento da socialização. Portanto, é fundamental que os estudos e pesquisas que se desenvolvam, desde aqui, projetem o alcance da potencialidade do teatro, como parte integrante das mais variadas instituições sociais transformadoras, como por exemplo, as escolas e os projetos sociais e comunitários, buscando envolver, por meio de oficinas criativas de aprendizagem, crianças, jovens e adultos, em situação de vulnerabilidade, como oportunidade de ampliação do senso crítico e subsidiando uma educação e formação transformadora.

Além disso, depois de observar a atuação de grupos de teatro comunitário, como o Catalinas Sur, é possível e pertinente, destacar o papel dos artistas amadores e independentes, na criação e disseminação da arte, e aqui inclui-se as performances, que abordam as questões sociais e políticas relevantes, de forma lúdica, acessível e gratuita.

Para além das metodologias empregadas e/ou usadas para o estudo de sua atuação, a teatralidade cidadã, presente nas comunidades, está fortemente relacionada com a transformação da realidade e com a promoção dos direitos humanos, utilizando a linguagem artística plural e abrangente, para conscientizar, sensibilizar e mobilizar seu público e as autoridades competentes envolvidas, em prol de uma vivência coletiva e urbana, concretamente justa e igualitária.

No referente às suas contribuições, este trabalho chega a sua conclusão, desempenhando um papel pioneiro, ao investigar, produzir e difundir, o conhecimento que envolve a atuação da teatralidade cidadã, trilhando novos caminhos para estudos possíveis, que se interessem a voltar o olhar sensível à movimentação das artes periféricas espalhadas pela América Latina. Através da produção acadêmica, é possível contribuir para a compreensão e aprofundamento desse tema, buscando novas abordagens teóricas aplicáveis às soluções artísticas incorporadas pelo teatro comunitário. Logo, este trabalho sugere uma continuidade nas pesquisas, relacionadas às teorias contemporâneas, que se estendam, mais além dos estudos sobre a dramaturgia do teatro comunitário e/ou periférico e alcançam as dimensões e a potencialidade transformadora da teatralidade cidadã.

Referências

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. **O teatro do oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CATALINAS SUR. Sitio web. Disponível em: www.catalinasur.com.ar Acesso em 17 de jul. 2023.

DUBATTI, J. **El Teatro es un acontecimiento**. Buenos Aires: El Mate Ediciones, 2012.

_____. **Memorias, rituales y representaciones**. Buenos Aires: Letra Viva, 2008.

_____. **Teatro dos mortos: Introdução à uma filosofia do teatro**. São Paulo: Editora SESC, 2016.

FERNÁNDEZ, C. Procesos de memoria en el teatro comunitario argentino. **Revista Palos y piedras**, Buenos Aires, edición 11, enero-abril, 2011. Disponível em: <https://www.centrocultural.coop/revista/11/procesos-de-memoria-en-el-teatro-comunitario-argentino>. Acesso em: 14 ago 2023.

ROMAGNOLLI, L. E.; MUNIZ, M. de L. Teatro como acontecimento convival: Uma entrevista com Jorge Dubatti. **Urdimento**, v.2, n.23, p 251-261, 2014.

SANTORO, D. **El teatro (como) del vecino: Una experiencia teatral en el conurbano bonaerense**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2016.